



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CARLOS DA SILVA CARDOZO

**EVANGÉLICOS E POLÍTICA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO-RELIGIOSO DE JAIR BOLSONARO**

ACARAPE - CE

07/07/2023

CARLOS DA SILVA CARDOZO

**EVANGÉLICOS E POLÍTICA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO-RELIGIOSO DE JAIR BOLSONARO.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira

ACARAPE – CE

07/07/2023

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, este trabalho nasceu de um questionamento profundo, uma dúvida que chegou como um pássaro, pousou em minha cabeça e só depois voou.

Neste momento de agradecimentos, gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que foram essenciais nessa jornada:

Primeiramente, a minha amada mãe, cuja presença física não está mais entre nós, mas que vive eternamente em minhas lembranças. Seu amor e apoio incansável foram a força motriz por trás de todas as minhas conquistas.

A minha família, que esteve ao meu lado nas horas difíceis, proporcionando apoio e encorajamento constantes. Sua presença e amor incondicional foram pilares fundamentais em minha caminhada.

Não posso deixar de mencionar meu orientador, Gledson Ribeiro de Oliveira, por sua paciência, dedicação e orientação ao longo de todo o processo. Sua expertise e comprometimento foram essenciais para o desenvolvimento e aprimoramento deste trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica e colegas que contribuíram direta ou indiretamente para o meu crescimento intelectual e emocional, meu sincero agradecimento.

Sumário

1. INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA	10
3- OBJETIVOS	12
3.1. Objetivo Geral	12
3.2. Objetivos Específicos	12
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
4.1 O movimento Pentecostal no Brasil	13
4.2 A influência das igrejas pentecostais na política brasileira	14
4.3 Evangélicos, a Direita conservadora brasileira e Bolsonaro	15
4.4 O discurso político-religioso de Jair Messias Bolsonaro e o apoio evangélico a eleição de 2018	18
5. METODOLOGIA	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	24

1. INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Em 12 de maio de 2016, foi submerso pelas águas do rio Jordão o então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro¹. Aquele ritual foi uma representação simbólica que ratificou a aproximação das igrejas evangélicas à uma liderança política que estava em ascensão. Aquele ribeiro é um local importante para os cristãos, pois foi nele que, de acordo com a bíblia, Jesus, o principal líder do cristianismo, foi batizado por João Batista. Portanto, o batismo daquele que se tornaria candidato à presidência do Brasil, representava o seu compromisso com a fé cristã, envolto à tradição ritualística. O pastor que o batizou não foi escolhido ao acaso, tratava-se de Everaldo Diaz Pereira, conhecido por Pastor Everaldo, figura política que concorreu a eleição presidencial no pleito de 2014. O realizador daquele sacramento também era um dos líderes de uma das denominações evangélicas que obteve um crescimento exponencial nos últimos anos, a Assembleia de Deus.

A relação entre igrejas evangélicas² e Jair Bolsonaro possui características peculiares e agrega diferentes posicionamentos dentro do próprio meio religioso. Todavia, é possível delinear e extrair aspectos dessa relação, que se generalizam em seus discursos realizados em templos e eventos comemorativos (Congressos, Marcha para Jesus, Campanhas Evangélicas). Também se torna evidente nesta relação, a reprodução do caráter “messiânico”, como escolha divina, evidenciado pelos líderes das igrejas em suas reuniões rotineiras, bem como a divulgação da sua imagem pelos líderes evangélicos em mídias sociais. Mesmo antes do pleito à Presidência da República do ano de 2018, Bolsonaro buscava sequestrar o apoio evangélico, ressaltando sempre a sua imagem de representante da nova política e defensor de valores morais que coincidiam com as pretensões dos evangélicos. Essa relação resultou em acordos com líderes evangélicos atuantes na política, bem como também com políticos que defendiam valores conservadores, fortalecendo assim a bancada evangélica atuante no Congresso Nacional.

Logo, é importante ressaltar que o meio evangélico é diverso³ e que as igrejas protestantes têm uma longa tradição de envolvimento na política brasileira, especialmente a

¹ STAHLHOEFER, Alexander. **O batismo de Bolsonaro**. Xadrez Verbal. 16 de maio, 2016. Disponível em: <<https://xadrezverbal.com/2016/05/16/o-batismo-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

² A palavra ‘evangélico’ designa um grupo genérico que inclui membros de igrejas protestantes históricas (Batistas, Metodistas e Presbiterianos etc.), pentecostais e neopentecostais.

³ Dentre as principais denominações evangélicas do país, podemos destacar os segmentos Batista, Metodista e Presbiterianos, conhecidas como igrejas históricas (Freston, 1993); Assembleianos (fragmentado em inúmeros segmentos), pertencentes ao movimento Pentecostal; além das igrejas Universal do Reino de Deus,

partir da década de 1980. Ronaldo Almeida (2020) corrobora a assertiva quando afirma que “o início da crescente atuação de setores evangélicos na política institucional ocorreu nos anos 1980” (p. 240). Essa afirmação é consubstanciada pela constatação de um significativo crescimento do número de líderes evangélicos que se candidataram a cargos políticos a partir dessa década. O Brasil estava passando por uma abertura política após o período da ditadura militar, o que pode ter proporcionado um ambiente propício para o surgimento de novos personagens políticos, incluindo líderes evangélicos que buscavam maior participação naquela esfera de atuação (Mariano, 2010).

Dando continuidade nesse retrospecto, na campanha presidencial de 2018, vários evangélicos se candidataram a algum cargo público e uma maioria expressiva declarou publicamente seu apoio a Jair Bolsonaro. Entre os líderes religiosos que manifestaram seu apoio ao presidente estão Silas Malafaia, Marco Feliciano, Abílio Santana, entre outros. Esses pastores detêm uma forte influência na comunidade evangélica, como líderes expressivos e atuantes, e, conseqüentemente, em uma parcela significativa do eleitorado brasileiro. O apoio desses líderes religiosos foi uma das principais estratégias políticas de Bolsonaro para obter votos nas eleições daquele ano, uma vez que a comunidade evangélica se tornou um segmento expressivo e atuante na política do país. No entanto, a relação entre Bolsonaro e esses líderes religiosos também foi alvo de críticas e suscitou controvérsias, especialmente a ala mais progressista deste grupo, que notou no seu posicionamento político um conflito com as questões voltadas aos direitos humanos.

No caso de Bolsonaro, foi visível o apoio reservado a ele, no pleito de 2018, das igrejas evangélicas Históricas, Pentecostais e Neopentecostais. Ele se aproximou dos líderes desses grupos, mas principalmente dos pastor Silas Malafaia (Pastor Presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo) e o bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record de televisão. Isso consubstanciou alianças políticas e apoio a pautas políticas do futuro governo, como a indicação de um ministro evangélico ao Supremo Tribunal Federal⁴ e a defesa do ensino religioso confessional nas escolas públicas, objetivos compartilhados com a comunidade evangélica.

Observa-se, que esse apoio foi motivado por seu discurso conservador em relação a valores morais, como a defesa da família tradicional, a oposição ao aborto e à legalização

Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, representantes do movimento Neopentecostal.

⁴ Bolsonaro assina nomeação de Mendonça como ministro do STF. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-assina-nomeacao-de-mendonca-como-ministro-do-stf/>>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

das drogas, bem como à defesa de pautas religiosas, como o ensino do criacionismo nas escolas e a restrição ao ativismo LGBTQIAP+. Entretanto, é importante pontuar que nem todos os evangélicos compactuaram com esse pensamento, por não concordar com o discurso de Bolsonaro e suas pretensões políticas. Algumas lideranças religiosas se posicionaram de maneira contrária, criticando sua retórica autoritária e a falta de e o seu distanciamento dos valores cristãos, como, por exemplo, a defesa dos menos favorecidos, pelo combate à pobreza e à miséria, e também a promoção de outros direitos sociais. Além disso, há uma parcela de evangélicos que não se identificam com o discurso autoritário e que defendem uma postura mais crítica em relação ao envolvimento da igreja na política⁵.

Por fim, considere importante discorrer no presente trabalho acerca dos aspectos que corroboram com a aliança entre Bolsonaro e os evangélicos na eleição de 2018, com objetivo de discorrer sobre o discurso político-religioso do presidente Jair Bolsonaro no período de pré-campanha e ao longo daquela disputa eleitoral, que tinha como foco a mobilização de sua base de apoio evangélica. Será abordada a forma como Bolsonaro utilizou referências religiosas em seus discursos políticos, bem como a importância desse discurso para a construção de sua imagem pública. Além disso, serão analisadas as consequências desse discurso para a mobilização da base evangélica, incluindo a ampliação da influência deste grupo na política brasileira e a polarização do debate político-religioso.

Este trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica de autores atuantes na área de estudos de Religião e Política, a saber, Ronaldo Almeida, Ricardo Mariano, Antônio Flávio Pierucci, Joanildo Burity e Paul Freston. Além desses autores, foram consultados diversos sites, jornais e redes sociais que tratam do tema da política e religião no Brasil, como a Folha de São Paulo, o Globo, G1, Poder 360, o Estadão, Gospel Prime, entre outros. Essas fontes foram cruciais para a obtenção de informações fidedignas para aprofundar a temática abordada neste trabalho.

Logo, através da análise da bibliografia consultada, podemos inferir algumas questões acerca do objeto de estudo, por exemplo: qual a tônica das mensagens presentes nos discursos analisados? Quem é o público-alvo das interlocuções proferidas? De que forma esse discurso é moldado para atender interesse das igrejas? Quais são as temáticas mais abordadas, imprecisões e declarações que envolvem a sua base de apoio? Como o discurso reverbera em sua base política, gerando engajamento e dando origem a novos atores

⁵ GUEDES, Octavio. **Líder de evangélicos contra politização da fé Caio Fábio vê pastores como 'aiatolas' de Bolsonaro**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/10/19/lider-de-evangelicos-contra-politizacao-da-fe-caio-fabio-ve-pastores-como-aiatolas-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

políticos? De que forma a compreensão errônea da sua base política afeta a evolução de políticas sociais, de gênero e raciais?

Enfim, é razoável informar que este Trabalho de Conclusão de Curso trata-se de um projeto de pesquisa que pretende provocar uma reflexão acerca do tema em questão. Por isso, é importante ressaltar que esta pesquisa demanda uma análise mais aprofundada e crítica, consubstanciada por dados, fontes documentais, que leve em consideração uma variedade de perspectivas teóricas e metodológicas que atendam a análise do objeto, levando em consideração o caráter subjetivo.

2. JUSTIFICATIVA

O fenômeno bolsonarista faz parte da história recente da política brasileira: como uma 'meme' inoportuno para uns e líder apazível e conveniente para outros. Certamente, aprofundou a polarização já existente na sociedade brasileira: 'coxinhas x mortadelas', 'gados x petistas' (Almeida, 2020), dentre outras denominações que ressoaram e ainda ressoam nas mídias sociais brasileiras. De um lado dessa polaridade, aliado ao bolsonarismo, seja por conveniência ou similaridade, estão uma parcela significativa de evangélicos. Misturando o sagrado ao profano, rivalizaram em redes sociais, atuaram dentro do governo e surfaram na onda conservadora da direita extremista brasileira (Almeida, 2020). Se juntaram ao tão esperado 'Messias', sonho antigo. Só esta relação, sem dúvidas, já seria digna de pesquisa. No entanto, acolhi desta os discursos utilizados pelo político Bolsonaro para manter, parafraseando o próprio, um casamento com esta base de apoio. Entender quais os *insights* que mantém ainda a relação entre o Bolsonarismo e um grupo religioso, através de seus aspectos em comum (ideologias, valores morais e moralizantes, anseios de domínio e protagonismo político) é essencial para entender o atual momento da política brasileira.

Portanto, uma pesquisa que analise o discurso político-religioso de um líder de massa, que se apresenta como um defensor dos valores cristãos e ao mesmo tempo possui um discurso orientado por ideais conservadores, que também têm recebido o apoio de segmentos protestantes expressivos, pode contribuir significativamente para o entendimento dessa relação. Através desta análise, esta pesquisa examina como a retórica religiosa é utilizada para fins políticos e como ela se relaciona com a agenda política e as pautas defendidas pelo governo em afirmação. Ao considerar os evangélicos, pretende-se conhecer

como este grupo obteve participação política organizada em torno de uma agenda de poder político e econômico, que encontrou sustento no fundamentalismo religioso. Além disso, seria possível avaliar como essa estratégia de comunicação impacta a opinião pública e a imagem do presidente junto aos eleitores evangélicos e não evangélicos.

Além do mais, observando a estrutura social brasileira, com sua diversidade cultural e estratificação, analisar o discurso desse político traria compreensões sobre os motivos que corroboram com a perpetuação da relação deste com um grupo homogêneo. O discurso de uma autoridade política, aclamada e reverenciada, reverbera facilmente nesse meio, tendo em vista o uso de mídias sociais que facilita sua propagação. A fala desse líder, expressada em um formato político-religioso, reverbera não apenas nas opiniões e percepções individuais, mas também em questões de ordem social, tais como a política de cotas⁶, o discurso anti-ciência⁷, a promoção da cloroquina como tratamento para a COVID-19⁸ e sua postura em relação à vacinação. Nesse sentido, a análise do discurso de Bolsonaro pode propiciar uma melhor compreensão de como a linguagem e as estratégias discursivas são utilizadas como ferramentas para influenciar sua base de apoio, construir narrativas políticas e moldar a compreensão de determinados temas ou questões sociais.

Por fim, ressalto, que procuro lançar luz sobre o papel dos líderes religiosos na política brasileira e as possíveis implicações dessa relação para a democracia e a laicidade do Estado. Dessa forma, esta pesquisa possui um relevante papel acadêmico e social, ao fornecer elucidações importantes sobre um tema de grande valia para a sociedade brasileira, quanto a compreensão do atual momento político.

3- OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

- Analisar alguns aspectos do discurso político-religioso de Jair Messias Bolsonaro para delinear pontos em comum entre ele e sua base de apoio evangélica.

⁶ UOL. **Bolsonaro critica cotas e nega dívida com negros: “nunca escravizei ninguém”**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/31/bolsonaro-diz-que-pretende-reduzir-cortas-nunca-escravizei-ninguem.htm>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

⁷ LOPES, Ana Júlia. **Relembre Declarações de Bolsonaro sobre a vacina**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

⁸ JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro e seguidores insistem em tratamento com cloroquina, ineficaz contra Covid**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/12/bolsonaro-e-seguidores-insistem-em-tratamento-com-cloroquina-ineficaz-contra-a-covid.ghtml>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

3.2. Objetivos Específicos

- Pesquisar a trajetória política-religiosa do político em questão, dando ênfase ao tipo de linguagem utilizada desde de seu início no campo político.
- Coletar e analisar discursos proferidos pela figura política em diferentes contextos e plataformas, como discursos em eventos políticos, entrevistas, redes sociais e outros meios de comunicação.
- Analisar o impacto do discurso político-religioso em questões sociais específicas, como a política de cotas, o discurso anti-ciência, a promoção da cloroquina como tratamento para a COVID-19 e sua postura em relação à vacinação.
- Apresentar uma reflexão crítica sobre as implicações do discurso político-religioso na sociedade brasileira, considerando suas possíveis influências na formação de opiniões, percepções e comportamentos de sua base de apoio e da sociedade em geral.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 O movimento Pentecostal no Brasil

O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O evento foi um importante marco para a comunidade cristã daquela época e é uma das características das igrejas pentecostais e neopentecostais. No Brasil, o movimento pentecostal iniciou no século XX e ganhou força ao longo das décadas. Ele se caracteriza pela ênfase nas experiências transcendentais, com manifestações espirituais como falar em línguas, dons espirituais, curas divinas e uma abordagem mais carismática da fé. “Adiciona ao ato religioso o sensacionalismo e o espetáculo” (SOUZA, 1957, p. 11). As igrejas evangélicas que aderiram ao movimento pentecostal se diferem das denominações históricas, no tocante a teologia, liturgia, organização e ética cristã (Freston, 1993). Paul Freston aponta como um fator importante para a análise histórico-sociológica do movimento pentecostal no Brasil três momentos distintos de surgimento e implantação do pentecostalismo:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é da década de 1910, com a chegada da congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência (...). A segunda onda Pentecostal é dos anos 50 e início dos anos 60, no qual o campo pentecostal se fragmenta (...). A terceira onda pentecostal começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo (FRESTON, 1993, p. 66).

Através dessa análise, as duas igrejas pioneiras tiveram um impacto significativo no cenário religioso do país, principalmente a Assembleia de Deus, que se expandiu geograficamente, se tornando a principal denominação pentecostal brasileira. A não concorrência de outras denominações pentecostais permitiu que esse crescimento ocorresse. É notável que essa denominação está inserida em todo território nacional e conjuga, através do seu título, várias congregações, se tornando um título denominacional que abriga uma infinidade de ministérios. Ainda conforme o autor, na segunda onda, nos anos 50 e início dos anos 60 aconteceu a fragmentação do campo pentecostal, surgindo a partir daí diversas denominações, cada uma com suas particularidades. Essa fragmentação reflete a diversidade de perspectivas e abordagens dentro do pentecostalismo, e também

está relacionada a fatores como disputas internas e divergências doutrinárias. A terceira onda pentecostal (neopentecostal), que se iniciou no final dos anos 70 e ganhou força nos anos 80, é representada pelo surgimento de Igrejas com a Universal do Reino de Deus e pela Igreja Internacional da Graça. Ricardo Mariano traçou assim o perfil das igrejas surgidas naquele período:

Todas apresentam poucos traços de seita, forte tendência de acomodação ao mundo, participam da política partidária e utilizam intensamente a mídia eletrônica. Caracterizam-se por: (1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano "é dando que se recebe" e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (MARIANO, 1996, p. 26) .

Com isso, essas igrejas trouxeram uma atualização inovadora da inserção social e expandiram as possibilidades teológicas, litúrgicas, organizacionais, éticas e estéticas do pentecostalismo. Além de enfatizarem as práticas carismáticas, como curandeirismo e manifestações estéticas da atuação carismática, e também introduziram estratégias de evangelização e crescimento que eram diferentes das abordagens tradicionais. Utilizando meios de comunicação de massa, como rádio e televisão, essas igrejas buscavam atingir um público mais amplo e popular, ampliando sua influência e alcance. Esse método de atuação, diferente dos praticados pelas igrejas de então, trouxeram mudanças significativas ao pentecostalismo brasileiro, um impacto numérico e uma reorganização sociocultural.

4.2 A influência das igrejas pentecostais na política brasileira

O folheto que circulava nas igrejas assembleianas, chamado de *O Mensageiros da Paz*, afirmava: "A nossa igreja tem potencial para colocar um representante de cada Estado no Parlamento" (apud Freston 1993, p. 180). Essa afirmação destacava a influência e a representatividade política pretendida por aquela igreja. Essa perspectiva refletia uma estratégia de engajamento político das igrejas pentecostais, que buscavam eleger membros do seu corpo eclesial como representantes no Legislativo. Uma das principais razões para essa aspiração foi o crescente número de fiéis e a expansão geográfica das igrejas

pentecostais no Brasil, que através da sua base de membros numerosa e um forte senso corporativista, juntando a isso um potencial de mobilização eleitoral significativo em diferentes regiões do país, conseguiu aquartelar seus fiéis a propósitos políticos. Somando a isso, a presença de líderes religiosos carismáticos e influentes que ajudaram a consolidar o apoio da massa para angariar votos. A atuação dos pentecostais na política, de maneira mais efetiva, se dá no ano de 1986, com a entrada de candidatos para a disputa da eleição daquele ano, de acordo com Freston, “A partir de 1986, a atuação política dos protestantes se transforma com a entrada de candidatos oficiais de igrejas pentecostais” (FRESTON, 1993, p. 180). Antes desse período, a participação dos pentecostais era discreta e pouco organizada, depois disso ocorreu um aumento significativo de representantes políticos pentecostais e conseqüentemente, uma influência maior da igreja evangélica sobre as decisões políticas.

Essa transformação ocasionou mudanças no panorama político desde então, e trouxe consigo sérias conseqüências. Primeiramente, a entrada desse grupo fortaleceu a representação política desse segmento, fazendo com que as suas pautas e reivindicações adentrassem o âmbito legislativo através da atuação nas casas legislativas dos seus representantes políticos. Segundamente, o impacto causado nas aprovações de políticas, normas ou acordo em prol daquele grupo, ganhava repercussão num coletivo maior, na população de maneira geral, fazendo com que o interesse de alguns se perpetue sobre os demais. O pentecostalismo, embora possua divergências doutrinárias, litúrgicas e éticas próprias, assumiu naquele instante uma representatividade que atendia aos anseios das igrejas evangélicas em geral, fazendo com que os ideais conservadores ganhassem cor para a formação de um grupo político maior, que atualmente atende como a bancada evangélica (Almeida, 2017). Grupos que hoje são formados por diferentes representantes de igrejas pentecostais e protestantes. Essas bancadas passaram a atuar em conjunto, articulando em torno de pautas específicas relacionadas a valores morais, liberdade religiosa e questões sociais, buscando influenciar a agenda política no país (ALMEIDA, Ronaldo, 2017, p. 6).

Essa representação, no entanto, tem gerado críticas tanto no âmbito interno, de dentro das igrejas, como no externo, no ambiente secular. O crescimento e expansão das igrejas é visto como algo positivo por alguns líderes e membros, é tratado como “uma bênção divina” o avanço expressivo de parlamentares que conseguem ser eleitos e representar esse grupo na garantia e avanço de suas pautas no ambiente político. Existem muitos pastores, como

por exemplo, Silas Malafaia⁹, pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, proselitista e influenciador, que pensa dessa forma. Por outro lado, líderes como o pastor Hernandes Dias Lopes¹⁰, pastor da igreja Presbiteriana, acredita que cada cristão deve ter a sua autonomia para se decidir politicamente, embora sua decisão deva ser guiada por julgamentos e valores religiosos.

4.3 Evangélicos, a Direita conservadora brasileira e Bolsonaro

No contexto social brasileiro e nas estruturas de atuação política, uma parcela expressiva de evangélicos têm desempenhado um considerável; quer seja moralmente, como agente de mudanças sociais e comportamentais, ou politicamente, decidindo na urna, por orientação de seus líderes pastorais, em quem votar. Essa influência é notável não somente pelo número expressivo de “igrejados”, que tem demonstrado um crescimento progressivo a cada censo demográfico, mas também pela influência político-moral que tem provocado na sociedade brasileira. Essa comunidade religiosa representa uma parcela substancial da população, conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: "foi o segmento religioso que mais cresceu entre o período intercensitário de 2000 a 2010, passando de 15,4% para 22,2% da população brasileira" (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010). Parte desse percentual, composta por um expressivo contingente, possui uma orientação moral que ultrapassa os limites de seus templos e procura, por meio da atuação política de seus líderes, exercer influência moral que vai desde atuação em redes sociais até decisões nas três esferas de poder: executivo, legislativo e judiciário.

Apesar da resistência inicial de muitos líderes religiosos no passado, que viam a política como um ambiente secular e inadequado, os evangélicos passaram a se engajar nesse campo, trazendo um impacto considerável que depois de um tempo acomodou essa participação com entusiasmo. Com base em sua moralidade fundamentada na Bíblia, o político evangélico possui a intenção de moldar a sociedade de acordo com seus dogmas, visões e preceitos, utilizando as verdades bíblicas como orientação para suas ações. De acordo com números citados por Paul Freston (1993, p. 171) na sua tese de doutorado, no ano de 1986 já existiam 14 denominações evangélicas com representação no Congresso

⁹ MALAFAIA, Silas. **O Cristão e Política**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-GSYOp3U1AI>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

¹⁰ LOPEZ, Hernandes Dias. **O Cristão e Política**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRbM4G9lhHc>. Acesso em 24 de junho de 2023.

Nacional brasileiro. Atualmente, os diversos segmentos (protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais) possuem representatividade nas casas legislativas¹¹.

Foi neste cenário, fluido e confirmativo, que parlamentares evangélicos encontraram uma proposição quase natural para mergulhar nas águas do conservadorismo. Panorama traçado ao longo de décadas de atuação da igreja protestante, que permitiu a formação de um ambiente propício para discussão de ideias (maioridade penal, aborto, políticas de gênero) dentro de uma estrutura social que antes era “em confirmação” e passou a ser “confirmada”. Construído à moda conservadora, que vem ganhando corpo nos últimos anos. Convergência ideológica não é exclusiva dos evangélicos, uma vez que, conforme aponta Almeida (2020, p. 425), “o conservadorismo antecede e ultrapassa a atuação dos evangélicos como religião pública no Brasil”. Isso significa que o conservadorismo já estava presente na sociedade brasileira antes mesmo da entrada dos evangélicos na política, mas esse grupo religioso encontrou uma plataforma comum para expressar e promover suas convicções. Um exemplo dessa retórica é a crença de uma parcela de pessoas na viabilidade da instauração de uma ditadura militar¹², mesmo no século atual, com o pretexto de que, durante aquele período, foi estabelecida uma suposta ordem moral. Apesar da mídia jornalística expor amplamente o autoritarismo, os assassinatos e a censura vivenciada por políticos, estudantes, e vários setores da sociedade, inclusive religiosos, naquele período, o conservador brasileiro acredita que um controle social exercido pelos militares seria benéfico.

Por isso, o conservador vê qualquer mudança como uma ameaça, pois acredita que ela é originada do ser humano e resultará em uma realidade problemática, conforme descrito no *Dicionário de Sociologia*, de Alan G. Johnson (1997, p. 51): “o conservadorismo baseia-se em uma visão pessimista da natureza humana, considerada fundamentalmente má, irracional e violenta se deixada por conta própria”. Os evangélicos encontraram na aliança com a direita conservadora um mecanismo para cercear os direitos de minorias e defender seus dogmas, percepções teológicas da realidade e projetar isso na sociedade. Essa relação, embora complexa, tem sido objeto de estudo por diversos pesquisadores no campo das Ciências Sociais, uma vez que o meio evangélico encontrou um ponto em comum, principalmente em torno dos chamados valores da família tradicional. Muitos evangélicos percebem esses valores como ameaçados pela cultura secular e, por meio de sua aliança

¹¹ De acordo com portal da Câmara dos Deputados, em 2019, a Frente Parlamentar Evangélica era composta por 203 parlamentares; no Senado, por 9 senadores. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010> Acesso em: 07 de junho de 2023.

¹² ÍCARO, Pedro. **Manifestantes Pró-Bolsonaro fazem atos em defesa da ditadura militar**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/03/4915376-atos-esvaziados-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar.html>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

com a direita conservadora, buscam preservar os princípios cultivados por sua religião. No entanto, é importante observar que essa postura tem gerado impactos significativos na política brasileira. O aumento da representação da bancada evangélica conservadora no Congresso Nacional nos últimos anos tem impedido o avanço de pautas consideradas importantes para o desenvolvimento de políticas sociais, o que tem gerado uma discussão no espaço público e dentro das casas legislativas.

Outro aspecto relevante a ser observado na aliança entre os evangélicos e a direita conservadora brasileira é o compartilhamento de um inimigo em comum: os partidos que defendem políticas sociais e a representação de minorias. A direita conservadora incorporou em seu discurso, seja por oportunismo político ou estratégia, o temor do retorno de um inimigo que nunca se concretizou: o comunismo (ALMEIDA, 2020). Essa abordagem tem sido enfatizada e continua a receber apoio e defesa da opinião pública, que erroneamente associa esse modelo político a uma ameaça aos direitos e garantias individuais, incluindo o direito ao culto e à liberdade religiosa. No entanto, essa narrativa muitas vezes desconsidera as nuances e diversidades do campo político e acaba estigmatizando os partidos de esquerda, que possuem uma agenda voltada para a promoção da igualdade social, a defesa dos direitos humanos e o combate às desigualdades.

Com isso, essa percepção limitada e desalinhada em relação a questões que demandam compreensão e um interesse responsável em avaliar informações tornou-se o campo de atuação dos políticos da direita conservadora. Em uma sociedade em que a leitura e a busca por informações são cada vez mais negligenciadas, Bolsonaro encontrou, por meio de seu discurso de respostas simplistas, uma maneira de conquistar o apoio popular (LIMA, 2019). Esse discurso, permeado por opiniões próprias, carrega consigo preconceito, machismo e vituperação, e foi reproduzido nas ruas, nas redes sociais e nos palanques políticos. O discurso conservador desse político encontrou nos evangélicos um grupo receptivo e disseminador. Temas como direito à propriedade privada, aborto, igualdade racial, dominação masculina e liberdade religiosa seguem uma linha de raciocínio própria do bolsonarismo, encontrando legitimidade em conceitos dogmáticos e, em algumas ocasiões, numa interpretação própria da Bíblia. Essa abordagem literal de princípios religiosos, sem considerar a complexidade das transformações sociais, tem levado ao crescimento da polarização de discursos e construção de opiniões. O que consolida a influência das perspectivas religiosas nas estruturas sociais da sociedade brasileira.

4.4 O discurso político-religioso de Jair Messias Bolsonaro e o apoio evangélico a eleição de 2018

O discurso político-religioso de Jair Messias foi uma ferramenta de constante uso de seu interlocutor e foi destaque, ora por sua retórica agressiva, e em outros momentos por sua fala moralista. Esse artifício permeou as mais expressivas reuniões realizadas em templos evangélicos ou eventos a céu aberto. Ele destacava em sua fala elementos simbólicos carregados de valores potenciais conservadores, como família, casamento, Deus, que se juntavam a jargões de impacto e de fácil interpretação do público que o acompanhava. O uso do discurso como forma de afirmação de seu pensamento e ideias, atraiu religiosos de todo o Brasil, mas guardava relação especial com um pensamento conservador que teve expressivo aumento e atuação nos últimos anos (Almeida, 2020).

“*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”. Essa expressão, retirada de um dos evangelhos, iniciou o pronunciamento do então presidente da república, depois de vencer, adornado por *fake news*¹³, a campanha eleitoral de 2018. Assim como outras expressões que carregam o nome de Deus e fazem alguma referência a símbolos da fé cristã, esse foi o seu posicionamento inicial diante da massa que encampou a praça dos três poderes para assistir o discurso de posse do trigésimo oitavo presidente da República Federativa do Brasil. O uso indiscriminado de passagens bíblicas, a autodeclaração insistente de sua cristandade, foram as estratégias intencionais e belicosas executadas por Bolsonaro em toda sua trajetória ao Palácio do Planalto. Este político usou de um discurso eivado de elementos religiosos que serviu para recepcionar a sua base de apoio e também e aquecê-la. Na entrevista realizada em 07 de junho de 2018 (uma das várias que concedeu a jornalistas do seu interesse, estratégia utilizada por seu *staff* de campanha) pela jornalista Mariana Godoy, ele se definiu desta forma:

Eu sou cristão. Continuo sendo católico. A minha esposa é evangélica. [...] por coincidência meu nome é Messias também, bem vou aproveitar a oportunidade para dizer publicamente que acredito em Deus. [...] O Estado é laico e tenho dito que 90% da população brasileira é judaico-cristã e os outros 5 % é dessas religiões como essa daí [referindo-se às matrizes africanas] que tem que respeitar e o restante 3 a 4% são ateus, sem problema nenhum. O que nós não podemos admitir é que uma religião

¹³ Segundo estudo do Instituto AVAAZ, que analisa dados reunidos pelas diversas vertentes de mídias tecnológicas, 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditavam em fake news implantadas em sua campanha política.

venha para cá no nosso meio querendo impor sua vontade pela força (REDETV, 2018).

Assim como em outros momentos, Bolsonaro atua no imaginário cristão construindo a imagem de um líder não apenas preparado moralmente, quando também afirma que “não pode ser chamado de corrupto”, mas também se utiliza de símbolos que para o cristianismo são deveras importantes: fé e família. Ao declarar “Eu sou cristão. Continuo sendo católico. A minha esposa é evangélica”, ele se sequestra a aprovação de dois grupos religiosos majoritários no Brasil, que geograficamente domina o cenário nacional como matrizes religiosas. Historicamente, católicos e evangélicos possuem um processo de afirmação e confirmação diferentes, sendo o primeiro àquele grupo que introduziu o cristianismo no Brasil e ainda detém o maior número de fiéis no país. A artimanha usada por Bolsonaro na entrevista visou atrair esses dois grupos, por se considerar próximo seus valores, crenças e ideais.

“Acredito em Deus”. “O Estado é laico e tenho dito que 90% da população brasileira é judaico-cristã”. A primeira expressão foi a matriz de todo enredo bolsonarista, que procurou se contrapor ao partido que o rivalizava, tornando-se um elemento simbólico que visava dominar o apoio da massa populacional alienada. Reforça a imagem do político que carrega a religiosidade, em comum com a maioria da população brasileira, um líder conservador, defensor da moralidade e da família. A segunda assertiva buscou confundir a noção de Estado, conceito de natureza complexa e ainda discutida por estudiosos, com a realidade religiosa no país. Ao mencionar a tradição judaico-cristã como elemento incorporado à população brasileira, Bolsonaro busca justificar a predominância dessa crença na política, como sua principal influência e orientação como governante. Nas entrelinhas, seria um acordo estabelecido com uma maioria religiosa, servindo como diretriz de políticas públicas, tendo como base um argumento de representatividade da maioria. Sua resposta também menospreza o percentual de adeptos de religiões de matriz africana, visando estabelecer uma hierarquia entre religiões, dando a entender que esta religião não merece um respeito semelhante dada a anterior, por possuir um quantitativo menor. Essa diferenciação também caracteriza a intolerância religiosa que permeia o discurso desse político, que por diversas vezes tentou demonizar os adeptos do candomblé e da umbanda e outras religiões de matriz africana.

Com isso, seu argumento confirmava a laicidade do Estado e ao mesmo tempo a ignorava, quando indicava que governaria para uma maioria religiosa. O que ocorreu depois

de eleito, quando integrou ao seu corpo de ministros a pastora Damares Regina Alves, no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, religiosa crítica de pautas sociais e grupos minoritários. Essa pasta governamental tinha a função de efetivar, através de políticas públicas, a responsabilidade de “implementar, promover e assegurar os direitos humanos no Brasil, inclusive promover políticas que defendam os direitos dos negros, das mulheres e das classes desfavorecidas, bem como a sua inclusão na sociedade¹⁴”. Com isso, um órgão cujo a laicidade do estado seria essencial na sua atuação, devido a natureza das políticas por ele desenvolvidas, foi gerenciado por uma líder religiosa, envolta em polêmicas, como na vez que afirmou que “É o momento de a igreja ocupar a nação¹⁵”, o que deixava subentendida sua pretensão como ministra de estado, cargo este que ocupou em todo período que governou Bolsonaro.

Com isso, a chegada de Bolsonaro ao poder não pode ser simplificada apenas como resultado de acordos políticos ou do uso de *fake news*¹⁶. Existiu um apoio significativo recebido da comunidade evangélica que desempenhou um papel importante nesse processo. Apesar de não ser um apoio uniforme, o seu discurso conseguiu uma massa considerável de fiéis atraída por sua fala. Durante a campanha eleitoral, houve uma mobilização por parte de alguns líderes evangélicos que o apoiaram, utilizando sua influência e seus púlpitos para promovê-lo junto aos seus seguidores¹⁷. Essa mobilização foi direcionada por seus argumentos, atraídas por um discurso de autoafirmação de valores conservadores, endossados pelo uso de termos bíblicos e predicados da religião cristã, que serviam como moderadores de sua imagem arranhada por seus pronunciamentos misóginos, rudes e preconceituosos.

Por fim, o Brasil vive a experiência de uma onda conservadora, de acordo com Joanildo Burity:

há, sim, uma onda conservadora (suspendamos, por enquanto, se esse termo substitui e engloba os outros dois). Na religião, na política e, descobrimos alarmados, nas relações interpessoais, entre nossos amigos e

¹⁴ BRIDJE, INSTITUTO. **Ministério da Mulher, família e Direitos Humanos: o que faz?**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ministerio-da-mulher-familia-e-direitos-humanos/>. Acesso em: 06 de julho de 2023.

¹⁵ GENEBRA, Karina Gomes. **É o momento de a igreja ocupar a nação**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/%C3%A9-o-momento-de-a-igreja-ocupar-a-na%C3%A7%C3%A3o-diz-damares-alves/a-52559550>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

¹⁶ BARRAGAN, Almudena. **Cinco Fake News que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em: 24 de junho de 2023.

¹⁷ BERMURDEZ, Ana Paula. **Bolsonaro vai ao culto de Malafaia e diz que será capacitado por Deus**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/30/bolsonaro-culto-preparado-por-deus-silas-malafaia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 de junho de 2023.

conhecidos (donde nosso perplexo recurso ao fantasma do fascismo) e, pelas mídias sociais, também entre estranhos e desconhecidos. Conservadorismo desabrido, insolente, sem meias palavras e sem meias medidas. Disputando todas as evidências do que chamamos de avanços dos últimos 13 anos (alguns dos quais já haviam começado mesmo antes) e anulando-as como desperdício de tempo, como apostas infundadas, como produtos da corrupção, como perigosos precedentes ou como figuras do mal a exorcizar, esquecer ou punir (BURITY, 2018, p. 20).

Por fim, é razoável presumir que o momento foi favorável ao bolsonarismo. Era incontestável a posição em que se encontrava o pêndulo da sociedade brasileira, quando Bolsonaro chegou ao poder em 2018. O conservadorismo atingiu o seu ponto máximo, conduzindo ao poder majoritário uma figura que trazia consigo ideais e ideias pré-concebidas bem antes do Golpe de 1964, mas que trazia à tona aquela nostalgia indesejada. Entender o momento faz parte do remédio que nos ajudará a não repetir o passado.

5. METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos, esta pesquisa fará o uso, além de extensa bibliografia de autores atuantes na área de Sociologia da Religião, como os já destacados, o uso do método qualitativo, que envolve a análise de diversas alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de análise de coleta de dados (CRESWELL, 2007, p.184). Devido à natureza interpretativa dos textos e à diversidade de pensamento e teoria em várias áreas das ciências humanas, esse método atende aos interesses desejados na pesquisa. No entanto, não se descarta a possibilidade de utilizar uma abordagem de pesquisa mista, se assim decidido pelo pesquisador.

A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Os métodos de coleta de dados estão crescendo e cada vez mais envolvem participação ativa dos participantes e sensibilidade aos participantes do estudo. Os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo. Eles não perturbam o local mais do que o necessário. Além disso, os métodos reais de coleta de dados, tradicionalmente baseados em observações abertas, entrevistas e documentos, agora incluem um vasto leque de materiais, como sons, e-mails, álbum de recortes e outras formas emergentes. Os dados coletados envolvem

dados em texto (ou palavras) e dados em imagem (ou fotos) (CRESWELL, 2007, p.186).

Com isso, o tema abordado neste trabalho está inserido no amplo campo da sociologia da religião. Nesse sentido, optou-se por evitar uma abordagem exclusivamente religiosa, buscando embasamento na crítica social por meio de diversos autores, teóricos e sociólogos especializados no assunto. A abordagem da sociedade dentro do escopo deste estudo requer uma reflexão e análise imparciais, mesmo diante da necessidade de considerar múltiplas interpretações. Essa abordagem visa promover uma compreensão mais abrangente e contextualizada do tema, explorando suas dimensões socioculturais, históricas e políticas, além de contribuir para uma visão mais crítica e fundamentada.

Portanto, a abordagem escolhida integrará uma série de ações do pesquisador para interpretar a diversidade de fontes de pesquisa e estabelecer contato com os participantes. Isso envolverá uma cuidadosa análise e interpretação dos dados coletados, levando em consideração as múltiplas perspectivas e teorias presentes nas ciências humanas. Além disso, serão adotadas estratégias de interação e diálogo com os participantes, a fim de obter *insights* mais profundos e enriquecer a compreensão dos fenômenos investigados.

Por fim, “a busca por documentos, a coleta de dados pode se concentrar no resgate de documentos, escritos ou não, sendo realizada uma Pesquisa Documental” (LAKATOS, 2003), obtidos em portais, artigos, livros, teses, que sejam legítimos e incorporem no desenvolvimento da pesquisa a imparcialidade nos julgamentos. Ao analisar os documentos obtidos, o pesquisador deverá se eximir de critérios religiosos, evitando dogmas e pressuposições que contaminem os dados encontrados, bem como exclua do desenvolvimento dos seus argumentos o uso de perspectivas pessoais

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ALMEIDA, Ronaldo. **A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo**. Cadernos Pagu, São Paulo, n.50, mai. 2017..

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. In: **Doutrinas Essenciais de Direitos Humanos**. vol. 4. p. 575. ago. 2022.

BARRAGAN, Aldena. El País. **Eleições Brasil 2018**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html>. Acesso em: 13 de jul. 2023.

BERMUDEZ, Ana Carla. UOL **Eleições 2018**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/30/bolsonaro-culto-preparado-por-deus-silas-malafai.htm>>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

BURITY, Joanildo. **A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder?** In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil**. In: BURITY, Joanildo; CRESSWELL, John W.. Projeto De Pesquisa: **METODO QUALITATIVO, QUANTITATIVO E MISTO**. 2. ed. Porto Alegre: Atmed, 2007. 248 p. Luciana de Oliveira da Rocha.

DIEGUES, Consuelo. Direita, volver. **Piauí**, São Paulo, editora Abril, ed. 120, pp. 18-26, set. 2016.

FARIAS, Athena de Albuquerque; Costa, Hermínia Moreira Coelho da; LEANDRO, José Leonardo Claudino; BARROS, Francisco Hilângelo Vieira; SANTIAGO, Alcylanna Nunes Teixeira. **Violência doméstica contra a mulher em tempos de Isolamento Social ante a Pandemia de Covid-19**. IID on line. Revista de psicologia, [S. l.], ano 2021, v. V.15, n. N.58, p. 206-217, 30 dez. 2021. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/>3316.>> Acesso em: 16 nov. 2022.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão**. Sequência, Florianópolis, n. 66, pp. 327-355, jul 2013.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment. Campinas, 1993.** (Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas).

GUEDES, Octavio. **Líder de evangélicos contra politização da fé Caio Fábio vê pastores como 'aiatolas' de Bolsonaro.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/10/19/lider-de-evangelicos-contrapolitizacao-da-fe-caio-fabio-ve-pastores-como-aiatolas-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

HABERMAS, J. Entre **naturalismo e religião**: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

IBGE. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. **Censo Demográfico**, Rio de Janeiro, pp. 1-215, 2010.

JOHNSON, Allan G.. **Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica.** Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LIMA, Isabelly; LIMA, Elizabeth. **A retórica do “cidadão de bem” no discurso de Jair Bolsonaro**: um presidencial em construção. Salvador, 2019.

MACHADO, Maria das Dores (Orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil.** Recife: Editora Massangana, 2006, p. 29-89.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teologia da prosperidade.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n.34, p. 24-44, jan. 1996.

PASQUALINI, Wallacy. **“Brasil acima de tudo, Deus acima de tudo”**: Uma análise do conteúdo da página oficial no facebook de Jair Messias Bolsonaro. Juiz de Fora, 2016.

PASQUINI, Patrícia. **90% dos eleitores de Bolsonaro acreditam em fake news, diz estudo.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>. Acesso em 20 de junho de 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio; MARIANO, Ricardo. **O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor.** Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 34, p. 92-106, nov. 1992.

PODER 360. **Bolsonaro assina nomeação de Mendonça como ministro do STF.** Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-assina-nomeacao-de-mendonca-como-ministro-do-stf/>>. Acesso em: 24 de junho de 2023. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1998.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/participe/fale-conosco/perguntas-frequentes/deputados.>> Acesso em: 02 abr. 2023.

Rede TV! **Mariana Godoy Entrevista Jair Bolsonaro!** 06/07/2018. [S. l.]: RedeTV! 2017. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XxiKg2SGmIY>>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 43. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai? um desafio às leituras contemporâneas da realidade brasileira**. Ultimato, Viçosa, 2004.

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Os Pentecostais: entre a fé e a política**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 43, pp. 85-105, 2002.

STAHLHOEFER, Alexander. **O batismo de Bolsonaro**. Xadrez Verbal. 16 de maio, 2016. Disponível em: <<https://xadrezverbal.com/2016/05/16/o-batismo-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

VIGNA, Edécio. **Bancada ruralista: o maior grupo de interesse no Congresso Nacional**. Brasília, ano VII, n. 12, out 2007. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos.>> Acesso em: 2 abr. 2023.